

**CORPO, TECNOLOGIA E CONSUMO:
POR UMA COMPREENSÃO A PARTIR DA MODA**

**BODY, TECHNOLOGY AND CONSUMPTION:
AN UNDESTANDING BY FASHION**

Clarisse Gomes

(orientanda, discente do Curso Ciências Sociais da FAFICH-UFMG)

Tarcisio D’Almeida

(orientador, docente do Curso Design de Moda da EBA-UFMG)

Resumo

Este trabalho constitui uma reflexão acerca do corpo, procurando entender porque esteve por muito tempo negligenciado, inclusive como objeto de estudo, e vem a deixar o recalque, ganhando sumo destaque. Aqui se propõe uma relação triádica de vértices conectados por coprodução, sendo estes o corpo, a tecnologia e o consumo. A compreensão é dada a partir de um resgate teórico de pensadores das ciências humanas, para, em seguida, propor uma análise da aplicabilidade no entendimento contemporâneo das interrelações deles com o campo da moda.

Palavras-chaves

Corpo; Tecnologia; Consumo; Moda

Abstract

This paper is a reflection of the body, trying to understand because it was long neglected, even as objects of study, and has to leave the settlement, gaining high prominence. Here we propose a triadic relationship of vertices connected by coproduction, which are the body, technology and consumption. Understanding is given from a theoretical thinkers of the humanities, to then propose an analysis of the applicability in contemporary understanding of their interrelations with the field of fashion.

Keywords

Body; Technology; Consumption; Fashion

Introdução

Seja sua exposição no dia-a-dia, bem como também a importância que a ele tem sido dada nos mais diversos discursos do saber, é indiscutível o destaque que o corpo vem ganhando nos tempos que correm. O corpo funciona como um espaço que nos traz à luz o enlace entre natureza e cultura, público e privado, imagem e coisa, representação e realidade, sujeito e objeto, masculino e feminino, presença e ausência, natural e artificial. Esse mesmo que agora se sobressai, é um corpo que se apresenta difícil à captura. Sem

limites, sem fronteiras, fluido e renovável, são muitos os caminhos de interpretação propostos sobre ele.

Uma forma de lidar com o corpo a partir da compreensão de sua co-dependência com o ambiente é a ideia de “corpomídia”. Helena Katz (2008) explica que o “corpomídia” deixa de ser entendido como um simples processador das informações com as quais ele entra em contato. A informação não é simplesmente devolvida para o mundo depois de processada, ela se torna corpo. O corpo seria, assim, entendido como uma constante coleção de dados e transformações, “o corpo é aquilo que se apronta no processo co-evolutivo de trocas com o ambiente” (Katz 2008: 71). Continua Katz, “e como o fluxo das trocas não estanca, o corpo vive na plasticidade do sempre-presente” (*idem, ibidem*).

É um corpo que dá visibilidade. Entre suas imagens midiáticas e o conhecimento também do corpo interno favorecido pelas tecnologias médicas, são múltiplas as representações do corpo que estão à mostra. É um corpo sob luz, um corpo trazido para a luz de sua visualização. Contudo, e ainda que paradoxalmente talvez até por isso mesmo, é também um corpo que inaugura dúvidas, propõe questões. É preciso buscar, como afirma Katz (2011: 21), as trevas do corpo: “As luzes são evidentes, e o escuro faz parte delas”.

Do recalque ao fetiche:

Por que o corpo esteve no escuro para vir a aparecer sob holofotes?

Esse corpo de luzes e escuros que hoje é dado como fenômeno econômico e sociocultural, e fonte significativa de reflexão a respeito dos universos simbólicos em que se insere, sabemos que por muito tempo foi negligenciado como objeto de estudo por teóricos sociais. Alguns autores ajudam a entender o desinteresse anterior e o que pode haver mudado para que o corpo esteja ganhando destaque e se constituindo como objeto importante da/para sociologia.

Em contraste com a antropologia, que já no século XIX compreendia o corpo nas primeiras teorias sobre ritual, cosmologia e estrutura social, Bryan Turner (2004) tenta elucidar algumas razões para explicar a pouca importância dada ao corpo na sociologia. O autor aponta para o fato de que a sociologia clássica com autores como Weber, Simmel, Tönnies, Durkheim e Mannheim se preocupou com as semelhanças entre as sociedades industriais capitalistas mais que com as diferenças dos seres humanos ao

longo dos períodos evolutivos, de modo que condições biológicas de ação eram secundárias na construção de uma ciência da ação. Ao passo que para a antropologia a questão do corpo esteve relacionada com a ontologia do Homem; e já em um contexto de colonialismo europeu apontou problemas quanto à essência universal da humanidade sob o entendimento segundo diferenças de relações sociais. Diz Turner, “em resumo, o corpo fez parte da mais prematura antropologia, porque ofereceu solução ao problema do relativismo social”¹ (2004: 12), enquanto “a sociologia fez uma pergunta precisa e específica: como a humanidade pode sobreviver a dito entorno problemático, estranho e anômalo?”² (2004: 16).

A questão ontológica dos atores sociais esteve, então, submersa na sociologia, a qual se desenvolvia, continua Turner (2004: 16), em parte como uma espécie de reação ao evolucionismo de Darwin. Weber, Pareto e Parsons, tentando estabelecer fundamentos analíticos da disciplina, tomam a economia e a lei como modelos para formular noções básicas de ‘ator’, ‘ação’, ‘escolha’ e ‘objetivos’. Ainda que, quanto à escolha do consumidor, poderia ter originado uma teoria da personificação do ator social através da ideia dos desejos e necessidades do consumidor, tais estudos não aparecem neste momento. E, assim, evocando a noção de uma ação econômica racional, não se elabora uma ‘sociologia do corpo’.

Se por um lado a antropologia se interessava pela relação entre natureza e cultura – interesse explicado por Turner (2004: 12) a partir da questão: dado que o homem tem um ponto de origem em comum com um mamífero, qual é o ponto de disjunção entre natureza e cultura? O autor aponta a historicidade como tema que ocupou o mesmo espaço teórico na sociologia: como entram as sociedades na história? Foi a crítica modernista ao projeto racional que, com o debate da relação entre desejo e razão, voltou a inclinar-se ao corpo, afirma Turner (2004: 17-19). Contudo, a sociologia seguia com uma pergunta histórica às condições para a mudança social, não situando a questão do corpo como um assunto histórico. Aos poucos, a análise social se vale do discurso médico para descrever os problemas sociais do meio urbano e industrial; e o corpo, traduzido simplesmente como sistema orgânico, dá sua tímida entrada nas formas iniciais

¹ “En resumen, el cuerpo tomó parte en la más temprana antropología, porque ofreció solución al problema del relativismo social” (Tradução nossa).

² “La sociología hizo una pregunta precisa y específica: ¿cómo puede la humanidad sobrevivir a dicho entorno problemático, extraño y anómalo?” (Tradução nossa).

do funcionalismo. Mais adiante, “em avanços recentes da teoria social tem-se feito uma considerável reavaliação da importância do corpo, não somente quanto à teoria social feminista, se não em geral mais em termos de análise de classe, cultura e consumo”³ (Turner 2004: 19).

David Le Breton (2007) pontua os anos 1960 como o momento em que aparecem de forma mais sistemática as abordagens que levam em consideração o corpo e inauguram alguma atenção à sua complexidade. Se rememorarmos, brevemente, resgataremos fatos importantes que demarcam tal década como *turning point* para os debates suscitados em torno de questões como novas compreensões para os limites do corpo; novas propostas da/para arte; a expansão do movimento feminista, dentre outras. Por outro lado, Breton indica que alguma inclinação para o corpo já existia antes mesmo desta mais atual incursão dele no cenário coletivo e como objeto caro às mais diversas pesquisas:

Mas “uma sociologia implícita do corpo” (J.-M, Berthelot) já estava presente desde o início no pensamento sociológico, principalmente sob o ponto de vista do estudo crítico da “degenerescência” das populações mais pobres, aquela condição operária (Marx, Villermé, Engels, etc.), ou das antropometrias (Quetelet, Niceforo, etc.). Sociólogos como G. Simmel abrem importantes vias (o sensorio, a fisionomia, o olhar, etc.). Mais tarde, M. Mauss, M. Halbwachs, G. Friedmann, M. Granet, M. Leenhardt, no contexto francês; em outros lugares, E. De Martino, M. Eliade, W. La Barre, C. Kluckhohn, O. Klineberg, E. Sapir, D. Efron, etc., contribuem decisivamente nesse sentido, apesar da censura feita por E. Durkheim que identifica a corporeidade ao orgânico evitando, assim, o interesse das ciências sociais (Breton 2007: 12).

“O corpo sob o fantasma do sujeito” é a expressão usada por Lucia Santaella (2004) em sua abordagem que explica o lugar desse corpo em uma tradição, hoje em crise, que herda de Descartes o que define o humano. A convicção de o que nos diferencia dos animais é a nossa capacidade reflexiva, a de representar a nós mesmos e de sermos conscientes, é baseada nas noções de sujeito e subjetividade forjadas no cartesianismo, explica a autora. Segundo Descartes, o humano seria definido por duas

³ “En recientes avances sobre la teoría social se há hecho una considerable reevaluación de la importancia del cuerpo, no solamente en la teoría social feminista, sino en general más en términos de análisis de clase, cultura y consumo”. (Tradução nossa).

diferentes substâncias: o corpo, um objeto da natureza como outro qualquer, e a mente, cuja origem misteriosa só poderia ser divina. A mente seria a única substância, ainda que imaterial, que daria expressão à essência humana, excluindo, portanto, o corpo. O sujeito seria, então, o que resta quando retirado o corpo, constituindo desta forma um paradoxo: pois se não há corpo, onde estaria o suporte de sustentação do sujeito?

O sujeito é também uma figura de individuação na medida em que só pode se expressar por meio de corpos e rostos. O sujeito só existe em seus efeitos, na subtração de seus efeitos; sem um corpo ou um rosto através dos quais passar, o sujeito não pode cumprir sua função universalizante. Daí a complementaridade e o paradoxo: o sujeito exige a individuação a fim de expressar a universalização; mas existe sempre o risco de que o olhar e o re-conhecimento se apeguem ao corpo, se alijem na carne, se fixem no rosto e submerjam no fluido. Em suma, o tecido material do corpo pode frustrar a passagem em direção ao lugar do sujeito universal e abstrato (Doel *apud* Santaella, 2004: 15).

É deste paradoxo que advém a expressão “o corpo sob o fantasma do sujeito” de Santaella (2004: 13-16), em que a carne só serve como forma de individuação do sujeito – um fantasma cuja força vem do recalque do corpo. Contudo, nos aponta Santaella, desde o final do século XX esse sujeito universal começou a perder seu poder fantasmagórico, passando a ser abertamente questionado há duas ou três décadas.

Na mesma linha de abordagem Nízia Villaça (2007: 23-25) fala do esquecimento da dinâmica bio-psico-sociológica em detrimento de “uma visão esquizofrênica para privilegiar a mente”. Villaça ainda afirma que tal processo tem origem nos gregos para, então, encontrar seu ápice no Iluminismo, quando a sensibilidade corpo/imagem/sentido fica subordinada ao conhecimento como nunca tanto estivera. O positivismo apareceria para acentuar ainda mais, elevando a razão e a ciência ao mais alto ponto. A autora aponta que o Ocidente, diferentemente de outras civilizações, lidou com uma época de iconoclastia; na busca de um sentido único procurou anular a ameaça representada pela estética da imagem, pela valorização do corpo. A figuração crística⁴, a iconodulia gótica⁵,

⁴ O corpo de Cristo chegou a ser metáfora fundamental da Igreja. Taway (*apud* Turner 2004: 15) argumenta que uma consequência disso seria a tomada do corpo (sua saúde, disposição, condição, histórias) enquanto evidência substancial do estado espiritual da alma imaterial. A regulação ascética do corpo como prática necessária para orientação à vida do espírito, segundo Foucault, teria dado origem ao aparato ocidental da Verdade (*idem, ibidem*).

a sensualidade e espiritualidade barroca e o Romantismo que privilegiava os sentidos em plena época das Luzes, representariam movimentos de resistência à anulação estética da imagem.

Com respeito ao que teria colocado o corpo em cena, a proposição de Santaella (2004: 24-25) é a de que a revolução industrial com suas próteses mecânicas já teria dado início aos processos de mudança radical do corpo humano, trazendo à tona o corpo recalcado e, ironicamente, colocando em crise o sujeito universal. A proeminência corporal dada hoje pelas próteses eletrônicas e digitais simplesmente acentuaria ainda mais a esta crise, pois “aquilo que caracteriza a máquina só nos fez questionar aquilo que caracteriza o humano: a matéria de que somos feitos”.

Com as ideias de Foucault e o renascimento do interesse em Nietzsche e a contínua importância de Heidegger há uma volta expressiva com respeito à experiência do corpo e sua relação com mundo (Turner 2004: 25; Santaella 2004: 27). Estudos sobre desejo humano e vontade se destacam e o corpo deixa de ser compreendido apenas a partir de uma fatalidade biológica. Para entender ou mesmo situar essa condição do corpo agora como centro da teorização social, Turner (2004: 25-28) propõe a análise de algumas mudanças sociais que levaram o corpo a ocupar um lugar proeminente. O autor aponta para o fato de que apesar dos artistas e filósofos que celebraram a sexualidade e a boemia nos finais do século XIX, apesar dos protestos dos artistas nos anos 1920 contra a moralidade burguesa, do Dada, e do surrealismo nos anos 1930 que misturava o fictício com o objetivo; ao longo do século XX foi diminuída a possibilidade de uma arte de oposição capaz de escandalizar a sociedade. Contudo, indica Turner, a sociedade viveria um colapso do aparato moral burguês e sua condenação religiosa dos prazeres sexuais com o desaparecimento da ortodoxia e do puritanismo cristão. A erosão do capitalismo competitivo e o aumento das indústrias de serviços teriam favorecido um declive da classe trabalhadora tradicional e mudanças no estilo de vida, dando ênfase ao consumo. Esse momento (pós)industrial e (pós)fordista teria aumentado o interesse consumista e comercial com o corpo, valorizando a boa forma, o corpo bonito, o atraso do envelhecimento, até então por meio do esporte; declinavam os valores ascéticos e crescia a importância da sensibilidade e do hedonismo.

⁵ A suntuosidade das catedrais góticas e toda sua figuração de vitrais, estátuas e iluminuras foram suplantando a austeridade dos mosteiros isolados (Villaça 2007: 24).

A segunda condição que aparece no argumento de Turner é o movimento feminista. A mudança nas relações entre os sexos e a crítica feminista à posição subordinada da mulher na sociedade teria gerado uma maior sensibilidade por parte dos teóricos sociais quanto ao sexo, sexualidade e biologia, elevando o status analítico e político do corpo. Por fim, o terceiro bloco importante de fatores apontado por Turner é a transição demográfica. O envelhecimento da população teria se convertido em um interesse político e econômico em âmbito internacional. Progressos biomédicos e tecnológicos levantariam problemas filosóficos e éticos envolvendo o corpo, consciência, existência e identidade. Nas palavras do autor, “estes avanços da medicina moderna tem implicações fundamentais no que é ser ou ter um corpo”⁶ (Turner 2004: 28).

A mente perde seu status que, até o século XIX, era absoluto como caminho para se chegar à verdade. Com a crise da razão, conceitos até então bastante norteadores como os de ‘verdade’, ‘bem’ e ‘belo’, passam a serem abertamente questionados e marcam a crise do sujeito. O corpo ganha espaço e aparece recoberto por interrogações. Nada constante, não surge para ocupar o lugar do sujeito, aparecendo muito mais como uma multiplicidade. Em contínua transformação, o corpo suscita as mais diferentes indagações a respeito de sua natureza, de seu estatuto e de seus limites. Santaella (2004: 28-30) também aponta algumas razões para se ter chegado a esse novo estado sob o qual é elevado o corpo: a desreferenciação e fragmentação do sujeito, a espetacularização do mundo com a proliferação de imagens, a virtualização da realidade nas redes teleinformáticas, as tecnologias médicas e a engenharia genética. A autora Villaça (2007: 25) ainda destaca que o final dos anos 1980 e princípio dos 1990 expressavam toda essa desconstrução dos fundamentos da razão e do sujeito sendo envolvidos pela destruição ou indistinção dos modelos; o que ela exemplifica pela queda do Muro de Berlim, pela dissolução da União Soviética, pelo questionamento dos padrões éticos, pela estetização geral provocada pela sociedade do espetáculo e consumo, com o sequencial abalo do estatuto da criação artística, pelas turbulências e revoluções da nova física e da nova biologia e pela multiplicação das vozes que se configuram em reivindicações de singularização ou radicalismos de caráter fundamentalista no mundo globalizado.

⁶ “Estos avances de la medicina moderna tienen implicaciones fundamentales en lo que es tener o ser un cuerpo” (Tradução nossa).

Como nos lembra Breton (2007: 11), as sociologias procurando significar a desordem aparente, nascem em zonas de ruptura, de turbulência, de crise das instituições, de confusões e falhas das referências. O corpo do pudor, um corpo ocultado pelos entraves morais devido à influência religiosa na Idade Média; a partir da Revolução Industrial vai deixando essa posição de apenas carne impura, quando começa, então, a sobressair-se enquanto mão de obra. Com o avanço da sociedade de consumo⁷, o tempo do recalque vai dando lugar para um novo movimento de descoberta do corpo, um corpo que aparece recoberto por interrogações. É com interesse nos estudos deste corpo que surge como imagem e mídia, deste corpo em constante transformação e em co-dependência com o ambiente, que situamos nosso presente empenho.

Uma relação triádica

Curiosos com o corpo tecnologizado, com a relação do cibernético com o organismo (o *ciborg*), o projeto deste trabalho foi insuflado, inicialmente, pela ideia de retroação entre tecnologia e corpo. Tal ideia tem relação com os novos entendimentos do homem – não mais simples carne e mente – o que coloca a dimensão do pensamento também aberta a ocupar novos espaços. O pensamento que muitas vezes foi concebido como lugar e condição de produção do conhecimento, signos e valores, orientaria e determinaria os fins da tecnologia. Deste modo, os objetos técnicos seriam sempre uma alteridade do humano (Bruno 1999a). Entretanto, a bem vinda ideia de coletivos híbridos, como é o caso do *ciborg*, desmancharia os pólos que dividem a matéria e objetos técnicos, do pensamento e formas socioculturais; estabelecendo, então, a coprodução da tecnologia e do corpo.

Hoje, historiadores, antropólogos, sociólogos, psicólogos, biólogos e filósofos incluem a tecnologia entre os agentes de produção da temporalidade, dos acontecimentos, das formas culturais, das relações sociais, da atividade cognitiva, das estratégias da vida e do pensamento. Há, sem dúvida, diferentes graus e

⁷ Na moderna sociedade de produção a principal tarefa do indivíduo é produzir, enquanto na fase seguinte a tarefa principal seria consumir. Não significa que na sociedade de consumo os indivíduos não sejam também produtores, mas diz respeito ao papel fundamental deles em determinada época. Lipovestky (2007) afirma que a atual fase seria a do “hiperconsumo”, onde o consumo, antes sujeitado a normas morais que definiam o necessário, o obrigatório, a pobreza e a riqueza, passa a ser sujeito dele mesmo e a força motriz do consumo passa a ser o desejo, constituindo a época do consumo emocional de compra centrada na procura por sensações e por maior bem-estar subjetivo.

modos de se conceber a tecnologia como agente social, cultural, histórico ou cognitivo, mas há uma perspectiva comum que não mais divide o mundo em dois pólos – o da matéria e dos objetos técnicos de um lado e o do pensamento e das formas sócio-culturais de outro (Bruno 1999a).

Ao anunciar, em 1985, no *Manifesto ciborgue* que somos todos híbridos de máquina e organismo, Donna Haraway define o *ciborg* em dois sentidos: no sentido literal, uma vez que as tecnologias biológicas e teleinformáticas estão de fato redesenhando nossos corpos, e metaforicamente, já que estamos passando de uma sociedade industrial orgânica para um sistema de informação polimorfo (Santaella 2003: 185). A relação entre organismo e máquina seria uma guerra de fronteiras que coloca em jogo os territórios da produção, da reprodução e da imaginação (Haraway 2009: 37).

A partir dessa relação de coprodução do corpo com a tecnologia, fomos amadurecendo a vontade de abordar os estudos sobre o corpo contemporâneo e para tanto desejamos um trabalho que também levasse em consideração a literatura da sociologia do consumo, ideias de corpo obsoleto e acessório da presença. O interesse em agrupar essas duas discussões adveio, em parte, da percepção de que ambas tratavam do corpo sob o entendimento de que este vem mudando seu estatuto na contemporaneidade. Gilles Lipovetsky (2007) explica que na chamada época do hiperconsumo, ideais de felicidade privada, publicidades e mídias vão favorecendo as condutas de consumo menos atribuídas ao modelo de distinção e julgamento do outro e mais enquanto comportamentos com finalidades em si. As pessoas desejam “objetos para viver” mais que “objetos para exibir” e os bens que apareciam como símbolos de status, passam a estar cada vez mais como serviços à pessoa. As pessoas tornam-se mais e mais voláteis e imprevisíveis e o consumo passa a se ordenar principalmente em função de fins, gostos e critérios individuais. Nas palavras do autor:

Agora, a busca das felicidades privadas, a otimização de nossos recursos corporais e relacionais, a saúde ilimitada, a conquista de espaços-tempos personalizados é que servem de base à dinâmica consumista: a era ostentatória dos objetos foi suplantada pelo reino da hipermercadologia desconfitada e pós-conformista (Lipovetsky 2007: 43).

Nesse momento do capitalismo tardio, explica também Jean Baudrillard (1995), signo e mercadoria teriam se juntado para formar a “mercadoria-signo”. Ele salienta a importância do significado que as mercadorias podem ter para o sujeito no seu cotidiano, de modo que já não se consumiria mais coisas e sim signos. O corpo seria também uma construção simbólica, ocupando o centro de um fenômeno de individuação. Baudrillard chama de “redescoberta do corpo” essa evidência que o corpo ganha na vida social, o que para ele estaria diretamente relacionado às necessidades de consumo.

Acreditamos que a relação das pessoas com o consumo também pode ser interpretada a partir da coprodução. Norbert Wiener (*apud* Santaella 2003: 182) apresenta uma divisão da história do Ocidente em quatro estágios, donde cada um teria gerado um tipo de modelo ou reimaginação do corpo humano: a era golêmica, comportando o corpo como figura de barro maleável e mágica; a era dos relógios (séculos XVII e XVIII), que apresentaria o corpo como um mecanismo de relojoaria; a era da máquina a vapor (final do século XVIII e século XIX), com seus corpos funcionando como motor de aquecimento; e, finalmente, a era da comunicação e do controle com seu modelo de corpo como sistema eletrônico. O corpo como sistema eletrônico tem a ver com o já anteriormente referido “corpomídia”, o que favorece a ideia de sua codependência com o ambiente. Foi partindo dessas noções que começamos a perceber o corpo individualizado do hiperconsumo em uma relação de retroação com esse novo meio do qual faz parte, age e também é fruto.

Pensando a respeito dessas relações de coprodução, percebemos que poderiam ser simbolizadas por um triângulo de vértices ‘corpo’, ‘tecnologia’ e ‘consumo’, estando cada um deles ligados por retroação. Ou seja, o corpo age sobre a tecnologia, bem como a tecnologia age sobre ele; o consumo tem ação sobre o corpo, bem como o corpo sobre o consumo; e consumo e tecnologia também estão conectados por coprodução.

Este trabalho existe, por um lado, como uma proposta dessa relação triádica para pensar o corpo contemporâneo e algumas de suas interrogativas e, por outro lado, gostaríamos de preconizar a moda enquanto campo fértil para esquadrihar essas relações de coprodução que têm o corpo como chave.

A moda como elemento na costura da relação triádica

As transformações pelas quais o corpo passa, não coincidentemente, são acompanhadas também por mudanças no campo da moda. Se o corpo aparece como fenômeno expoente de um tempo espetacularizado, onde sedução e efemeridade brindam a existência e a inexistência quase ao mesmo tempo, a moda mais do que nunca exibe seu poder e exuberância; fazendo, refazendo e desfazendo, retornando, renovando e inovando, ela deve sua força à ordem do inconstante dada por esse mundo do desejo, de coisas maleáveis e não duráveis. A moda firma-se enquanto um dos fenômenos mais influentes das sociedades ocidentais, conectando as esferas do econômico, social, cultural, organizacional, técnico e estético (Santaella 2004: 115).

Se a era moderna de fronteiras bem definidas e corpo recalcado foi deixada, seu lugar foi tomado por um tempo efêmero, onde elementos que antes eram dados como opostos aqui se atravessam e se assumem enquanto híbridos. Um momento em que o consumo já não mais se dá pela simples satisfação das necessidades e as imagens se suplantam. Tal meio coloca o corpo em destaque e o corpo que se descobre age sobre o meio em forma de demanda por novos estímulos. Esse meio tira do homem suas bases, antes dadas por valores solidificados, e o homem, não passivamente, pede ao meio que lhe ofereça novos espaços para buscar suas identidades perdidas que agora se apresentarão em eterna construção, desconstrução, reconstrução e sobreposição. Esse meio oferecerá ao corpo símbolos e o corpo não os incorpora simplesmente, ele joga com eles e sempre demanda por novos.

Para um aporte estético à relação coprodutiva entre corpo e consumo, ainda que ironicamente por ter sido uma coleção em que as peças foram desmanchadas no próprio desfile – ou seja, enfatizando a criação e não o consumo inconsciente – tomamos aqui “A Costura do Invisível”, de Jum Nakao, pois entre suas sobre-camadas de possíveis significações, parece-nos expressiva aquela que metaforiza a efemeridade do hoje, do corpo, do consumo e, é claro, da moda.



Fig. 1: “A Costura do Invisível”, desfilada na São Paulo Fashion Week de 2004, precisou de mais de 180 dias para a confecção dos vestidos e quase uma tonelada de papel, o qual serviu como todo o material usado, e terminou sendo (propositalmente, é claro) rasgada pelas modelos. A discussão que ela suscita e os questionamentos que ela provoca são imanescentes, é o pensamento que resiste, é a ausência que se vê presente, é o invisível que se costura e segue tecendo-se sob a reflexão que corre motivada pelo desfile dos fantásticos vestidos de papel branco. (Fonte: Fernando Louza/ Reprodução).

Uma coleção de papel branco favorece-nos o entendimento do corpo s^ígnico que está em interação com o meio do consumo, do qual faz parte e sobre o qual age. O papel branco remete-nos ao mundo das ideias, à parte do processo criativo ou também do próprio consumir, ao espaço do que é preciso compor, do que é preciso significar. Não apenas o criar é um processo que envolve ideias, o consumir também é um ato simbólico, um ato político. Por isso, a fragilidade do papel e também o desmanchar das peças no fim do desfile vai de acordo com a questão do efêmero e serve à ênfase no imaterial, mais que no lado material que possui o vestir. O conhecimento do mundo e a representação dele são inseparáveis da forma pela qual se escolhe viver neste meio, isto fundamenta a

coprodução, pede-nos por romper com a ideia do consumir enquanto um ato conformista e a ideia de que na indústria da moda existem pessoas que decidem, ditatorialmente, que aparências teremos na próxima estação (Svendsten 2010: 133). “A Costura do Invisível” nos permite a reflexão sobre a conscientização e não passividade do se vestir.

Se por um lado a moda é responsável pela produção do “novo”, essencial na busca incessante por satisfação e consumo movido por desejo, é uma relação coprodutiva, na qual as pessoas pedem por novas experiências, experiências que ainda não existem objetivamente (Lipovetsky 1989; D’Almeida 2008). Sob toda uma pesquisa de tendência, através de novas ideias, novos modelos em novas coleções, a moda oferece novos estímulos para os corpos do hiperconsumo. Contudo, como novos estímulos oferecidos pela moda podem responder às demandas por novas experiências ainda abstratas por parte dos corpos e tal ação não corresponder a um ato de poder unilateral? O que ocorre é que os estímulos oferecidos pela moda também não são fechados neles mesmos, a moda joga com os signos e permite que os corpos brinquem com eles, são roupas de papel branco à graça da significação. “A Costura do Invisível” chama atenção para essa relação, para a conscientização deste processo. Enxergar o vazio, enquanto uma multiplicidade de possibilidades, é também entender que presença e ausência não se opõem, uma vez que o “nada” pode ser visível. Essa ideia é um brio otimista para a contemporaneidade; entender seu vazio não enquanto tédio ou simples desreferenciação, mas sim como um momento repleto de possibilidades, aberto ao corpo ativo enquanto pensamento e carne que brincam, inscrevem e subscrevem significados a todo instante.

Cumpramos destacar que a moda é um espaço também para entendermos a interligação entre consumo e tecnologia, uma vez que o sistema de produção de moda, ou mesmo de criação, está atrelado à tecnologia, trabalham em conjunto. A tecnologia muitas vezes precede o ato criativo, entretanto o inverso tem ocorrido abertamente. Um aspecto dessa coprodução é o fato de que a popularização de hábitos ligados à moda serve ao barateamento de determinadas tecnologias. As novas tecnologias fornecem aos estilistas um diferencial estético, enquanto o impacto emocional dado pelo consumo destes produtos de moda tecnológica serve de medida para o sucesso de uma tecnologia e o desenvolvimento de subseqüentes.

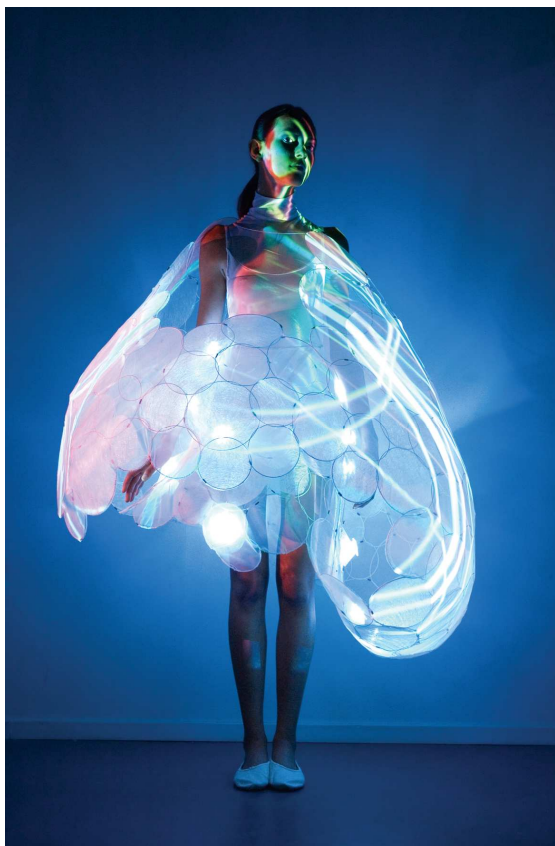


Fig. 2: Skin é uma iniciativa da Philips Probes Design que investiga se produtos e tecnologias inteligentes podem evoluir e serem sensíveis à área da percepção emocional. Este vestido é um desenvolvimento de Skin e incorpora uma “tecnologia emotiva”, procurando mostrar como o corpo e o ambiente que o cerca podem usar a mudança de padrões e cores para interagir e sentir o estado emocional daquele que o usa. (Fonte: Philips Design/ Reprodução).

O entendimento da coprodução entre corpo e tecnologia no campo da moda pode encontrar seu aporte visual no desenvolvimento do *wearable computer*⁸. Os computadores vestíveis têm como base a constante interação entre o corpo e a tecnologia computacional associada a uma vestimenta. Tal proposição vai de encontro com a ideia da capacidade da tecnologia alterar a materialidade e a cognição dos corpos e a materialidade e funcionalidades dos corpos afetarem as características materiais e funcionais das tecnologias. Entendemos também que os universos híbridos favorecidos pelas tecnologias desmancham e ressignificam fronteiras, como presença e ausência,

⁸ Podemos citar, como exemplos ilustrativos, os projetos de pesquisas que relacionam corpo, tecnologia e moda desenvolvidas pelo Media Lab, do MIT, além das proposições da “Philips Probe Design”, da Philips, e das empresas de telecomunicações British Telecom e France Télécom.

bonito e feio, homem e mulher, a partir de realidades como a virtual, a estética do estranho, a androgenia.

Referências

AVELAR, Suzana. *Moda, Globalização e Novas Tecnologias*. 2. ed. São Paulo & Rio de Janeiro: Estação das Letras e Cores & Senac, 2011.

BAUDRILLARD, Jean. *A Sociedade de Consumo*; tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1995.

BRETON, David Le. *A Sociologia do Corpo*; tradução de Sonia M. S. Fuhrmann. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

BRUNO, Fernanda. "Fronteiras do Humano: primeiras considerações sobre a relação entre pensamento e tecnologia nas ciências cognitivas contemporâneas". In: SILVA, Dinorá Fraga da; VIEIRA, Renata. *Ciências Cognitivas em Semióticas e Comunicação*. São Leopoldo: Unisinos, 1999a. (Disponível em <http://souzaesilva.com/Website/portfolio/webdesign/siteciberidea/fbruno/index.html>) Acessado em 10/05/2012.

_____. "Membranas e interfaces". In: VILAÇA, Nízia; KOZOVSKI, Ester; GÓES, Fred (Orgs.). *Que Corpo é Esse?*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999b. p. 191-212. (Disponível em <http://souzaesilva.com/Website/portfolio/webdesign/siteciberidea/fbruno/index.html>) Acessado em 10/05/2012.

D'ALMEIDA, Tarcisio. "Ser Autoral, Ser Criativo: breve ensaio sobre o processo de criação no mundo da moda". In: *Anais do 4º Colóquio de Moda*. Novo Hamburgo (RS): Centro Universitário Feevale, 29 de setembro a 2 de outubro de 2008. p.1-9.

_____. "Não Basta Desfile; Tem Que Vender: (des)encontros entre moda e mercado". *Dobra[s]*, vol. 2, n. 2, fevereiro de 2008. p.80-89.

HARAWAY, Donna. "Manifesto do Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX". In: TADEU, Tomaz (Org. & Trad.). *Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 33-118.

KATZ, Helena. "Para Ser Contemporâneo da Biopolítica: corpo, moda, trevas e luz". In: MESQUITA, Cristiane; CASTILHO, Kathia (Orgs.). *Corpo, Moda e Ética: pistas para uma reflexão de valores*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011. p. 17-27.

_____. "Por uma Teoria Crítica do Corpo". In: OLIVEIRA, Ana Claudia de; CASTILHO, Kathia (Orgs.). *Corpo e Moda: por uma compreensão do contemporâneo*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008. p. 69-74.

LIPOVETSKY, Gilles. *A Felicidade Paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*; tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*; tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MARTIN, Macarena San. *El Futuro de la Moda: tecnología y nuevos materiales*. Barcelona: Promopress, 2010.

SANTAELLA, Lucia. "O Corpo Biocibernético e o Advento do pós-humano". In: SANTAELLA, Lucia. *Culturas e Artes do Pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003. p. 181-207.

GOMES, Clarisse; D'ALMEIDA, Tarcisio. "Corpo, Tecnologia e Consumo: por uma compreensão a partir da moda". In: *Anais do 8º Colóquio de Moda*, Rio de Janeiro (RJ): Senai Cetiqt, 17 a 20 de setembro de 2012. p.1-16.



**8º COLÓQUIO DE MODA – GT CONSUMO DE MODA
RIO DE JANEIRO (RJ) – SENAI CETIQT – 17 A 20 DE SETEMBRO DE 2012**

_____. *Corpo e Comunicação: sintoma da cultura*. São Paulo: Paulus, 2004.

SIBILIA, Paula. *O Homem Pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

SVENDSEN, Lars. *Moda: uma filosofia*; tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

TURNER, Bryan. “Los Avances Recientes en la Teoría del Cuerpo”; tradução de Marta Melero Gómez. *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, n. 68, outubro-dezembro, 1994. p. 11-40.

VILLAÇA, Nízia. *A Edição do Corpo: tecnociência, artes e moda*. São Paulo: Estação das Letras, 2007.

WILSON, Elizabeth. “Fashion and the Post-modern Body”. In: ASH, J.; WILSON, Elizabeth. (Eds.). *Chic Thrills*. London: Pandora Press, 1993.